



## Para que serve uma recordação, se não a podemos partilhar?!

Fui combatente, salvei [3] vidas, tenho um estilhaço de chumbo na parte de trás de uma coxa, mortos, feridos, tiros, rajadas, rebentamentos, tudo passou por mim e por outros que viveram alguns momentos de raiva e angústia, mas, graças a Deus não me subiu ao *psique*, o estado de espírito negativo que a muitos afectou.

Sempre fui sincero com o que penso e com o que digo, nunca inventei estórias nem contei histórias e doa a quem doer, que até pode ser a mim, sempre disse a verdade. A realidade, não é dizer mal ou tentar denegrir, a realidade é só uma, a verdadeira História: com bons ou com maus momentos. Têm-me ocorrido alguns engraçados, enquanto outros de arrepiar; e tanto uns como outros, gostaria de partilhar.

Estou a começar a escrever em Julho de 2009, sobre momentos por que passei no sudoeste da Guiné, nos idos de 1963 a 1965.

Não vou relatar cronologicamente, vou simplesmente narrar o que fôr passando pelos censores da minha memória, que têm uma enorme tendência para ficar totalmente enevoados.

Na 3<sup>a</sup>feira 10Set63, sendo aspirante-a-oficial miliciano do R15-Tomar, atirador de infantaria com especialidade em minas-e-armadilhas, fui «nomeado para servir no CTI da Guiné, nos termos da alínea c) do art.3º do dec-lei 42937 de 22Abr60». Tal como este protagonista/narrador, outros 172 militares haviam por aquela época sido mobilizados pelo DGA-Ajuda, a fim de reforçar ou recompletar a guarnição normal da Guiné: entre os oficiais, um capitão da Manutenção Militar, um tenente médico-cirurgião, uns quantos *tiradentes* e seis ou sete médicos (para reforço do precário *staff* que, naquele TO, já não chegava para as *encomendas*); e mais sargentos, cabos e praças, cada qual em rendição individual (recompletamento de subunidades em serviço naquela Província Ultramarina), substituindo militares falecidos em campanha (por motivos vários, tais como combate, acidente ou doença): no meu caso, o alferes miliciano Armando Bastos Mendes, da 4<sup>a</sup>CCacl (aquartelada em Bedanda), em 04Jul63 no itinerário Bedanda-Catió (penso que pela picada da mata do Cantanhez), havia sido mortalmente atingido com um tiro na cabeça; (no entanto, tais factos só foram por mim conhecidos após chegar ao meu destino final). Seguidamente, «com *guia-de-marcha* passada pelo DGA, a fim de servir por imposição e por 2 anos, desde quando começa a contar 100% no aumento de tempo de serviço», embarquei com aquele pequeno contingente no N/M Manuel Alfredo, onde me instalei num dos 19 camarotes, tendo por companheiros o referido capitão *lateiro*, o tenente-cirurgião e o *tiradentes* Góis (conhecido guitarrista e cantor do fado de Coimbra).



Saímos o estuário do Tejo rumo à Madeira e ainda nessa noite aportámos ao Funchal, dormindo naquele *hotel flutuante* amarrado ao cais. Dali, navegámos direitos (ou de lado) ao Mindelo e acostámos, para jantar na povoação e ver a dança do ventre (deram-nos alguma ave de rapina pois era rija com'os c... ); o dia seguinte foi passado em visita à Baía das Gatas e a outros *interesses turísticos*. Depois o N/M rumou à Cidade da Praia mas ficou ao largo (à época não havia cais): no entanto, desembarcámos e fomos lá pró meio da ilha almoçar a um tasco (frangos assados muito bons, não fôra as moscas querer comer mais que nós). Finalmente, o navio tomou destino aos Bijagós...

Desembarcados em Bissau no dia 20Set63, enquanto alguns foram de imediato para as suas subunidades, outros como eu ficaram alojados em cama rasa debaixo de telheiro no QG. Ali fomos durante a noite atacados por... milhões de mosquitos, melgas e outros bichos (cheios de *piripiri* picante qb). Não havia mosquiteiro que nos salvasse: pobre *maçarico* mais tenrinho, fui alvejado na parte interior dos braços e nos tornozelos. Na manhã seguinte, o enfermeiro lambuzou-me com um líquido encarnado. E assim fiquei por dez dias, até que um oficial me ordenou reunisse a tralha para seguir ao aeroporto, a fim de rumar ao sul: “Eh pá aquilo são praias fabulosas, vais ver que vais gostar!”...

Largado na placa de Bissalanca, aguardava-me o furriel piloto de uma Auster e um sargento vague-mestre: este, entrou para o banco de trás; e eu, sentei-me ao lado do piloto. Levantámos. Lá em baixo, apenas rios serpenteando pelo meio do verde até que o piloto, decorridos uns  $\frac{3}{4}$  de hora, começou a tirar motor: perguntei com a cabeça e ele “Bedanda...”, indicando lá em baixo uns niquinhos brancos; como estava sentado, os penduricalhos não me caíram no chão mas caí eu, em mim...



### 1963 – 30Set (aclimação instantânea)

Chegado ao aeródromo de Bedanda, fui muito bem acolhido pelo capitão de infantaria Alcides José Sacramento Marques (excelente soldado e ao momento comandante daquela subunidade)<sup>1</sup>, e pelos alferes milicianos Grilo e Gonçalves (o Gouveia estaria de licença por uns dias), os quais me acompanharam aos aposentos: o quarto, assim-assim; a casa de banho, ensanitada; o duche, um luxo de *bidon 200lts forrado a cimento*; e quanto a água, recolhida do bidon com lata de ananás (nada de pêssigo, queríamos era luxo), tinha côr de sujidade corporal e apenas servia para refrescar, pois nela navegavam pequenas sanguessugas e uns bichinhos encarnados (os vermelhos ainda não eram muitos... ).

<sup>1</sup> (vindo do comando da CCac74, que em 12Fev63 havia concluído o seu tempo de serviço na Guiné)

O referido *apartamento*, compartilhado com o alferes Grilo, tinha três camas, uma vaga (do alferes Gouveia em mini-férias), e as outras duas junto à porta (a minha à direita da entrada) mas encostadas às paredes, quer lateralmente quer *costalmente*: as ditas *camas*, de tamanho médio, eram em ferro; a rede metálica, de facto, mas arame-de-fardo que por um qualquer *alfaiate* foi alinhavado entre buracos onde deveriam estar molas; e quanto ao *colchão*, era o perfeito *sumá-pau* feito de revistas e jornais velhos dobrados.

À tarde após o almoço, deitar e ler um *best-seller* do FBI, policial de cordel à *l'époque*. Até que, a páginas tantas e já farto do barrigal para cima, viro-me de lado. Nisto... *ppffffff*, o Grilo salta da cama agarra na G-3 e grita: “Uma cobra!”. Como o ruído tinha saído dos meus domínios, claro que também me levantei e vasculhámos tudo, *colchão*, mosquitoeiro, buracos na parede e... nada! Depois de acalmarmos, de novo nos horizontalizámos. Pouco depois, mesma cena, mas neste 2º acto não fizemos espalhafato pois queríamos apanhar desprevenida a *invasora*: abri cautelosamente o mosquitoeiro e, quando me debrucei para espreitar debaixo da cama, *ela* ainda mais *ppffffff...!!!*; eis o Grilo que salta da cama, novamente G-3 em riste, quando vejo uma... lata de *Dum-Dum* sem tampa. Cada vez que me mexia na cama, o pressionado aspersor levava a latinha ao *ppffff!!!*, assim expulsando os poucos *minsquitos* que por ali se atreviam...

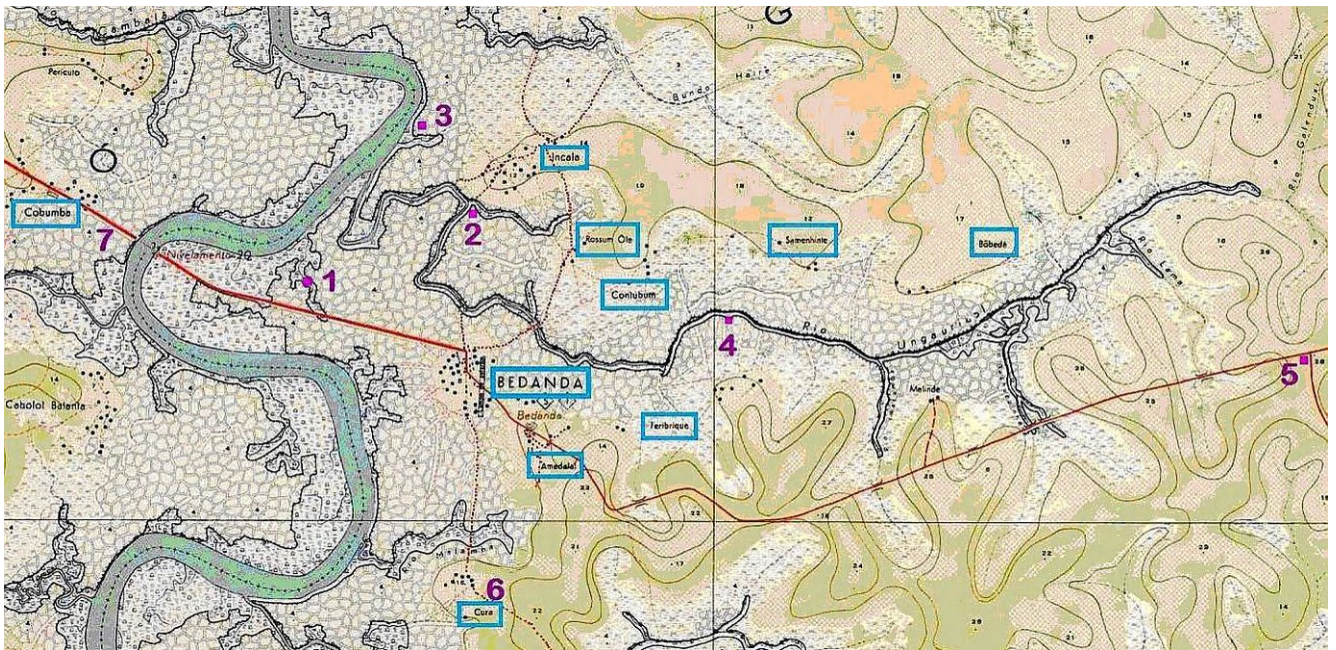


aspecto da sede da 4<sup>o</sup>CCacI, aquartelada nas antigas instalações dos Serviços Provinciais Anti-Sezonáticos (visto da povoação de Amedalai)

## 1963 – 30Set/01Out

Antes de comandar um pelotão destacado na povoação de Bedanda, fiquei colocado na sede da 4ªCCaCl em Amedalai. Aqui, logo na *Primeira Noite*, fogachal por todo o lado mas, como não via nada nem ninguém, sequer um tiro disparei – aliás, como em todos os combates em que fui envolvido (só granadas, morteiradas e bazookadas) –, não senti os perigos de um ataque IN. Também logo nesta primeira *dormida na guerra*, fui obrigado pelo capitão Sacramento Marques a utilizar na cabeça, esse estranho objecto conhecido por capacete.

Com idênticos resultados, ali fomos atacados mais seis vezes. Quase no final de uma delas, aquele capitão vai à *rua* ver como se estão a portar os civis, armados com *Lee Enfield* e *Kropatchiek*, cada um municiado com 150 balas. Passa então por um *atirador* e este prossegue culatra-atrás culatra-à-frente, *pum-pum pum-pum!* monte de invólucros ao lado: o capitão pergunta “então o que estás a fazer?!”, pois o tiroteio do IN já tinha cessado; e ele volta-se para trás e diz “captão, tou a fogueale!”.



No mapa, como se vê, da “zona dos Bidanda, pá!”....

... eis quase todos os locais por onde andei:

- desde a margem ocidental do Cumbijã só com o sargento Centeio, assinalada (7) no mapa... *a grande invasão ao chão nalu*, a maluqueira não tem limites mas ainda não tínhamos chegado ao limite (embora o Centeio já tivesse idade para ter juízo);
- até à célebre *emboscada* (1) em 08Dez63, como relatarei;
- e a destruição (3) de duas canoas;
- bem como o local (2) do ataque IN ao *Gouveia-16*, manhã negra... ;
- além da *viagem de recreio* a Cura (6) com 2 sargentos, diversos cabos e 21 soldados, tudo em fila indiana pois eram carreiros, levando na frente este *alfero* protagonista/narrador, apenas com quico na *tola* pois o capacete era de tal conforto que não me enchia as medidas, não havia vivalma em Cura e tentei avançar para Caboxanque, mas aquele riozito impediu-nos (uf! ainda bem!);
- incluindo *excursão fluvial* (4) com o puto Pedro;
- e a viagem de jipe efectuada por *força* de apenas 1 homem (com G-3 a tiracolo sobre as pernas e, claro, o *dólmen* camuflado com as respectivas 14 granadas), passei a bifurcação para Jemberém (5) e voltei sem manobras no entroncamento Salancaur-Mejo, graças a Deus não me apareceu ninguém... e só então me apercebi que o ruído do motor bastaria para *acordar* o IN e assim, como a picada era *muito boa*, pé a fundo e cheguei a Amedalai são e salvo, (claro que para o QG saiu mensagem “efectuada uma patrulha até ao cruzamento de Cabedú, com sucesso”).

## minas & armadilhas...

Quanto à minha especialização (curso de Tancos), teve a primeira prova-de-fogo aquando da necessidade de ser destruído um toco de árvore, cujo aproximado  $\varnothing$  era 1.2mt, óptimo para o IN se abrigar, colocar em cima uma metralhadora-pesada e dali flagelar a aldeia de Bedanda, pois estava junto ao arame-farpado e desse lado semi-escondido dos sentinelas por um armazém da Casa Gouveia, naquela época a senda do capitão Sacramento Marques.

Tinha fatura de tudo, desde trotil em embalagens de 125, 250 e 1000grs, ao explosivo plástico 808 em caixas de madeira com 4kg cada e embrulhado naquele papel oleado, detonadores eléctricos e detonadores para cordão de pólvora, além de cordão detonante e alguns explosores.

Muni-me de plástico 808, detonadores, cordão detonante, fios e explosor: coloquei onde melhor entendi o explosivo e os detonadores, sem ligações especiais a não ser uma espécie de laço no cordão detonante em volta do local dos detonadores e apenas um deles ligado ao fio do explosor (pois aquele cordão explode por simpatia, não funcionando como o cordão lento, vulgo rastilho-das-pedreiras); ataquei com terra todos os locais onde estavam os explosivos e mandei tudo afastar-se, pois mirões eram mais que muitos – entre eles um sargento-mecânico (já levava 14 anos de tropa como miliciano e tinha vindo de Moçambique com o cabelo “à cheeroqui”, como ele dizia), que abanava a cabeça tipo “isso não faz nada”... e eu também não sabia, nunca tinha feito mas li nos livros e estive com atenção na instrução –, depois carreguei no êmbolo do explosor e foi... *cavacos* para tudo quanto era sítio, o tal sargento deu-me muitos parabéns e apertos de mão, nunca pensou que tal sucedesse... nem eu!

Bom, serviu para ganhar confiança e continuar em volta dos aquartelamentos a *destocar* restos de palmeiras e rebentar com outras árvores, mas principalmente os morros da formiga salalé, localmente conhecidos por *bagabaga* e que proliferam por tudo quanto é sítio: recordo particularmente a destruição de um, com 3.5mts de altura e outro tanto de  $\emptyset$ , que *nasceu* de um dia para o outro no extremo-ocidental da povoação de Amedalai e mesmo defronte ao posto de sentinela (virado para Cura, na mata do Cantanhez), onde estava o nosso abrigo avançado com suporte para metralhadora, constituído por duas paredes de cibes (troncos integrais de palmeira) e terra no meio, com cerca de 1.5mt de altura por 5 de largura. Por esta ocasião, outros dois *bagabaga* – mais longínquos e igualmente em posição favorável ao IN –, já tinham por mim sido *retirados do mapa*, usando o seguinte método: os meus soldados levavam uma espécie de espátula na ponta de uma vara com cerca de 2mts; junto ao solo, eu mandava abrir um buraco até mais ao menos a meio do *obstáculo*; preparava o explosivo com detonador, empurrava-o lá para dentro e mandava atacar com a terra retirada, que era empurrada com o lado contrário da vara. Ora este recém-nascido morro ficou a cerca de 2mts do citado abrigo, eu tinha meia-caixa de explosivo que dava para destruir (pelo menos) três outros *irmãos* mas, querendo concluir aquele serviço o mais rápido possível, logo ali decidi aplicar todo o explosivo ao momento disponível; mas o tal 808 vinha embrulhado em papel oleado que, com o calor, libertava imperceptível odor que me provocava dores de cabeça, motivo para concluir rapidamente tal tarefa diária. Então, levei o explosor para trás do abrigo e, estando a menos de 4mts do local da deflagração, disse “quem quiser fica, quem quiser pire-se já”: ficou o Queba; e logo a seguir... *babummmm!* buraco no chão para baixo, do tamanho do atacado *bagabaga*, e para cima... de mim e do Queba, *granizo* vermelho. Ficámos como se deve calcular: depois fui tomar duas ou mais aspirinas e cama, algodão e mãos nos ouvidos; e aí de algum mosquito que resolvesse zunir... Mas passadas duas horas, estava bom!

### **... mas também havia bifés, com molho ‘anopheles’**

A porta do quarto dos alferes, dava directamente para a sala-de-estar e refeições: encostados a uma das paredes laterais, os móveis com a loiça e umas garrafitas por baixo, uma espécie de *sofá* dois lugares e, do outro lado, dois frigoríficos a *pitrol* que funcionavam às mil maravilhas (*Whestinghouse, not sure*); no lado oposto, a parede para a rua tinha um pequeno murete com cerca de 70cm, que sustentava a grade com a rede metálica mosqueira. Quando o Djaló – bom cozinheiro e combatente que ali tínhamos –, entrava na *messe* com o nosso jantar, com ele entravam sempre em formação uns quantos *mini-bombardeiros* que, normalmente, aterravam nos nossos pratos. Às vezes, ele *afinava*: “Meu alfero não sou cozinheiro 'di merda', fui cozinheiro do Hotel em Bissau”...

*One night... beef with egg on horse & french fries*, tudo acompanhado a carrascão tinto que meu pai começou a enviar-me regularmente... Sofremos por essa ocasião, um memorável ataque em massa dos tais *mini-bombardeiros* que nos estupendos bifés quais porta-aviões pousaram, atolando-se no delicioso molho confeccionado pelo Djaló. Ora bem, enquanto o capitão Passos<sup>1</sup> e o alferes Grilo grilavam “que nojo!”, o alferes Santos batia-se valentemente por entre os *anopheles*, consumindo três bifés e três ovos.

<sup>1</sup> (João José Louro Rodrigues de Passos, tenente de infantaria da GNR, recém-promovido a capitão comandante da 4<sup>ª</sup>CCacl)

Certa manhã, logo no início do destacamento do meu pelotão em Bedanda, alguém resolveu fazer galinha de *chabéu*: panelas na mesa, sentados os meus sargentos, o *sorna*, mais dois cabos um pouco escuros e, da mesma cor, o meu condutor Djaila 25/61. Vinha de lavar as mãos e já tinha atestado copo e prato do qual, antes de me sentar, tirei uma perninha: nisto eram 12:45 e, quando ia a meio caminho do objectivo, *ratatá-ratatá, treu, bummm*; é claro, corremos todos para os postos – a minha arma consistia no casaco camuflado sempre *artilhado* com 8 granadas ofensivas, 4 defensivas e 2 incendiárias, mais a *Beretta 7.65* enfiada no lado direito do cinto com cano para trás e coroa para cima –, no meio daquela fuzilaria toda fui correr os postos e quando estava do lado do cavalo-de-frisa virado a nascente, perto do **abrigo da Madsen** onde um sargento fogueava, eis que à minha esquerda uma bala abanou a folhagem da laranjeira; o sargento gritou “ponha-se para baixo!” (nesse tempo o murete de protecção tinha apenas 80cm), respondi que eles estavam sem pontaria e fui ver outros postos da defesa. Mais ou menos  $\frac{3}{4}$  de hora depois, voltámos ao *chabéu* que estava frio: ora, encontrando-se o *microondas* avariado, seguiu arroz e galinha para a panela; mas tudo junto aquecido já não tinha o mesmo sabor.



Dos vários ataques de que fomos alvo, quero destacar um outro. Estávamos numa das casas comerciais, desenvolvendo o nosso gosto pela cerveja fresquinha e jogando ao *abafa* – 870 pesos na mesa, uma pequena fortuna –, quando... *derepente*, pareciam mesmo tiros de pistolas-metralhadora sobre nós, dentro da aldeia. Eis alguns debaixo da mesa e outros a correr para os postos, o ataque foi em força, constatámos que as *pistolas-metralhadora* eram *chicotadas* de armas 7.9 e outras que o IN disparava quer do lado nascente, quer de sul e poente, com pelo menos três metralhadoras pesadas... *Eles* queriam mesmo entrar, não tivemos dúvida... Subi ao meu *abrigo* totalmente desabrigado e, sobre o telhado da escola onde estávamos aboletados, acendi o farol de 1000w de 24 volts que estava ligado às baterias dos jipes, que já tinha posto a trabalhar, carreguei a *bazooka* e *bazukei* 3 granadas em 3 direcções diferentes, depois subi ao murete de protecção e apontei o *lampião* para sudoeste, de onde vinha mais *barulho*: então era vê-los a correr para lançar granadas-de-mão e a bater, com os braços abertos, na primeira sebe de arame farpado, pois com a luz nos olhos não viam o arame, mais uma *bazukada* e ouvi gritos lá em baixo “ai que já me deram ai-ai!”, era o sargento Centeio mas logo ouvi risadas em força dos soldados e dele também: foi o recuo do fogacho da granada da *bazooka* que limpou o telhado, e um pouco de cimento ou de telha saiu e bateu-lhe nas costas. Mais umas rajadas, mais umas granadas a rebentar dentro e fora do aquartelamento, e passada uma hora e pouco tudo acabou: soubemos mais tarde que matámos 18, mas apenas vimos o rasto que deixaram ao ser arrastados pela bolanha fora, possivelmente pelos pés, nem uma arma ficou, conseguiram escapar com tudo e... algum chumbo ou estilhaço no corpo!



no interior do destacamento da 4<sup>o</sup>CCaCl, um posto de observação...  
... a cerca de 6mts do solo, entre os ramos de frondosa árvore,

em baixo à direita vê-se aquele arco, que é um dos holofotes que meu pai me mandou; este era para 220v dado que na sede da Companhia havia gerador, o que tinha no pelotão em Bedanda (sem gerador) era um de 24v, ambos com 1000 Watts.

Voltámos ao *ataque* às cervejas gritando de satisfação pois, além do *desastre* com o Centeio, ninguém mais se feriu, nem um arranhão... E *vejem só*, quando *cheguemos ao posto do abafa*... os 870 pesos lá estavam, mudos e quedos, em cima da mesa.

No dia seguinte apanhámos: fora do arame, muitos invólucros de 7.9 e 7.62, e visões de mortos arrastados, tal era a quantidade de marcas deixadas no terreno... ; dentro do aquartelamento, diversas granadas amarelas (tipo pinha) ainda com alavanca e cavilha, algumas alavancas das diversas que explodiram e... o inverosímil, as 9 caixas reflectoras dos petromax todas furadas (as tais caixas de madeira ainda com o alumínio, em cuja base se tinha aberto uma portinhola que funcionava como *traseiras* e de cada lado a metade da tampa *segurava* a chapa de zinco), muitos buracos de balas em redor da luz e nenhum aparelho atingido, nem se foram abaixo naquele período de mais de uma hora, mas no meu telhado da escola... o muro – que tinha cerca de 70 cm de altura por 30 de espessura, onde eu estivera de pé iluminando o teatro-das-operações –, e o próprio telhado tudo furado, e o *alfero*... ileso...! Idiotice, sim. Irresponsabilidade, sim. Juventude, por certo! Sempre pretendi que a guerra não me afectasse o psique, levando quase tudo na maior descontração, e por vezes brincadeiras. Os meus amigos pretos, quer em Bedanda quer em Bolama, sempre me trataram com uma certa admiração e carinho de *criança grande* com os cinco alqueires mal medidos. Mas mesmo assim respeitavam-me, bem como os meus sargentos e cabos, pessoal de 1ª!

Quanto à questão de “como liderar a tropa indígena” em situações *normais* dentro dos aquartelamentos: pois então, de início com palavras depois com castigos, mas era muito mais eficaz um bom par de murros (que me perdoem os que apanharam, mas só dei nos que mereciam), mesmo assim fiquei com muitos amigos felupes, nalus, balantas, sossos, manjacos, mandingas, bijagós, fulas, etc. etc. e caboverdeanos! Um dia no meio do refeitório, dei uma *pêra* num soldado e salta de lá um cabo branco, a dizer “o meu Alferes só sabe bater em pretos!”, é claro que mal acabou de falar levou outra, que foi para lá da 2ª mesa voando sobre a 1ª. Chamei o cabo-da-guarda (mais negro que o teclado deste computador) e disse-lhe “cabo Nharé leva este para a prisão e só sai de lá à minha ordem!”; (meses depois, aquele Nharé foi comigo para o CIM-Bolama).

Na povoação de Bedanda, uns dias após o meu aquartelamento ter sido alvo de flagelação IN com morteiro, na sequência da qual o comandante ordenou retaliação com barragem de fogo de morteiro 81...  $\frac{3}{4}$  de hora depois do ataque! (ele é que mandava... ), um civil encontrou meio-enterrada, entre o local do meu aboletamento e a sede da 4ªCCaCl, uma granada-de-morteiro com um bocadito das alhetas de fora. Chamei o Djaila, sentei-me no jipe ao lado dele e depois, com uma corda na mão, fui apreciar a *disposição* da frustrada granada-de-morteiro: estava calma... Envolvidas as alhetas com a corda, foi a *besta* puxada com muito jeitinho, mas assim não resultou e com a outra ponta da corda dei uma volta numa saliência da frente do jipe: disse ao Djaila para recuar devagarinho, ela começou a sair e mandei parar; depois suavemente puxei-a à mão, ... estava armada e eu, armado em parvo. Então, com a granada pendurada na corda pelas alhetas e em redor toda a malta a fugir, fomos muito devagar até à pequena ponte-cais do Ungauriuol: ali chegados, saí calmamente do jipe e aproximei-me da água, fiz a medo um pequeno balanço, lá vai ela para o rio e... não é que explodiu mesmo?!



casa-grande do chefe da aldeia



tabanca de Bedanda



trovoada nocturna

O local onde estava aquartelado o meu destacamento, se assim se poderia chamar, era toda a povoação de Bedanda, e tínhamos colocadas três sebes de arame farpado: duas duplas, uma a cerca de 10mts do murete de protecção e outra a cerca de 30mts e mais, fora uma sebe simples com oito arames afastados cerca de 25cms paralelamente uns dos outros; tinha *cavalos-de-frisa* em todas as entradas, à excepção da última sebe – na picada que ligava direito à ponte-cais no Ungauriuol –, onde à noite se desenrolavam oito arames para *fechar* a dita sebe.

Num fim de tarde, íamos para a cerimónia diária do arrear da Bandeira Nacional, o Zé da *Casa Gouveia* – que tinha uma *Famel* e aí vai ele dar uma volta – *vrruum-vvrruum* direito à picada de ligação ao rio, um sargento vira-se para mim e naquele seu falar irónico diz calmamente “já está fechada a sebe”, quase instantaneamente deixou de se ouvir a mota e decorridos poucos segundos entra no murete de protecção, o Zé... com sangue na testa, pescoço, peito, barriga, pernas e etc, ar de onça brava! Desatámos todos a rir... e ele... também... Depois do arrear da Bandeira fomos abrir garrafas de cerveja, que ele pagou...

Talvez por estas *acções sociais*, o capitão Passos não me gramava; mas eu era bem quisto no coração dos meus soldados, sargentos e cabos, civis e comerciantes (brancos ou tintos), e penso também que o meu escudo invisível estava nesse meu comportamento e que os *bandides* (como dizia uma *velha do mato*), levavam isso em conta. Embora pressentindo essa verdade, não me coibi de colocar 28 minas de diversos tipos à volta do quartel, avisando a população civil e os meus militares para que não saíssem do arame farpado após o arrear da Bandeira. Sim, porque no meu destacamento fazia questão de que assim se procedesse, ao contrário do aquartelamento da Companhia onde se dizia “na guerra não existem preceitos”, avisei os *peoples* porque quase todas as minas eram activadas por mim ou por pessoa de confiança, ao sol pôr e desarmadilhadas ao nascer do sol.

Das minas: três eram *bailarinas*; três outras, *M-3* que pareciam paralelepípedos de granito para estradas; mais dezanove antipessoal; e ainda três anticarro, transformadas em antipessoal e com um garrafão de 10 litros cheio de invólucros e gasolina e bem rolhados em cima delas, camufladas com arbustos vivos. A todas as minas adaptei arame de tropeçar, algumas com três arames que ligavam aos detonadores, e logicamente, estes às minas. Até final de Jun64, apenas três rebentaram: uma *M-3*, que estava perto do cais e foi uma águia do tarrafo; a outra *M-3* perto do arame farpado exterior, até hoje não sei o que a fez explodir e deve ter feito *pluff*, pois ninguém a ouviu e estavam estilhaços grossos e juntos, que davam para compôr outra vez a mina; a última a explodir, foi um civil *marreta* com cabelos brancos, que saiu do arame já na penumbra da noite e uma das bailarinas fez *pum!* mesmo, a sorte dele foi tropeçar mesmo na extremidade exterior do arame a cerca de 4mts da mina, que lhe furou as costas em quatro lados e ficou na enfermaria cerca de um mês.

Entre os civis brancos, havia o sr. Abel que vivia com a esposa num anexo da *venda*. Juntávamo-nos diversas vezes a petiscar, quer anchovas com alcaparras, quer berbigão ou amêijoas de lata, ou mesmo uma latita de atum ou sardinhas com cebola picada, acompanhados pelo *pão* de farinha de arroz – ou sei lá de quê, pois ao fim de uma ou duas horas se caísse ao chão abria um buraco na certa... –, e tudo religiosamente empurrado com... cervejolas, não interessava a marca, só interessava a temperatura... e quem trazia tudo era o Turé *seu mandinga*: quando acabavam as munições, o Abel chamava “Turé traz lá mais duas granadas” e lá vinha ele pausadamente, alto e como fosse para a festa, vestido cheio de dourados ora rosa ora amarelado, ar calmo e imponente debaixo da sua *touca* e, num tabuleiro forrado a pano de rendas, lá nos trazia as duas cervejolas cuja marca nunca interessava, só a temperatura, mas uma *Sagres* calhava sempre melhor.

Havia outro moço cujo nome também era Zé e que, defronte à porta do nosso estaminé, tinha uma espécie de café e aí passávamos mais tempo, nuns cadeirões de verga que seriam confortáveis, não fôra a *ocupação* por cães sarnosos que ali dormiam: o *homem velho* das habitações dos nativos civis, uma vez pediu-me para os abater mas não tive coragem de o fazer, pois os bichos doentes olhavam-nos com um ar de tristeza que metia dó... No episódio que a seguir relato, também entra o Zé do *café*. Meu pai, homem muito terra-a-terra e amigo de seu amigo, era muito conhecido por gente da alta sociedade, altas patentes militares e civis. Aproveitando esses relacionamentos e dado que era muito amigo do dr. Andrea, irmão do coronel Andrea da aviação, conseguia enviar-me caixas de madeira (tipo caixas de bacalhau) forradas a alumínio, com fruta, conservas feitas pela minha mãe, chouriços, presunto, vinhos, aguardentes, presuntos, bolos; enfim, só mimos. Uma vez mandou-me um presunto com cerca de 14kg! Os pretos diziam “não é de porco não há porcos desse tamanho!”. No mesmo dia, mandou-me queijadas de Évora e pastéis de toucinho de Évora. Os pretitos que havia pouco tempo tinham ido ao *fanado* (circuncisão), estavam em período de grande crença religiosa e não comiam nada que fosse contra as leis do *fanado*. Mas, já de malandrice, dei-lhes pastéis de toucinho que vinham embrulhados em papel, com a composição do conteúdo escrita em letras pequeninas: comeram um, comeram dois e se calhar três cada um; então disse-lhes calmamente “você comeram porco, os pastéis são feitos com toucinho!”, não acreditaram e foram muito atrapalhados ter com o Zé do *café*, levaram o papel e perguntaram, ouvimos o Zé rir à gargalhada solta. Então os rapazitos (eram três), estavam ao lado do café a vomitar os pastéis... Fui muito mauzinho, coitados dos putos.

Antes de *chegar àquela guerra*, tinha sido capturada ao IN uma bela checoslovaca .22 c/cano 71.5cm. Não havendo munições, sequer em Bissau, meu pai enviou-me 1000 balas *short rifle* e 2 ou 3cxs de *long*: estas, utilizava para tiro mais longo; as outras, além de abater rolas e *chocas* (perdizes da Guiné, tipo *fracas*), serviam de diversão nos momentos de pausa para mini-destressar o mini-psyque. Quando fui assumir o comando do destacamento em Bedanda, levei comigo a *checoslovaca* que aos 100mts atingia com precisão algumas rolas, grande parte das quais passaram ao nosso pequeno-almoço (meu, dos meus sargentos e de quem mais aparecesse), pois a primeira refeição tinha de ser consistente: até chegou a ser arroz de bacalhau com bacalhau frito, acompanhado por belo tinto ou cerveloa (há que começar bem o dia!); lá em cima, era mais leiteinho condensado com café e torradinhas...

De uma outra vez, meu pai mandou-me duas espingardas *pressão-de-ar*, para apanhar aqueles pássaros amarelos que lhes chamavam *cacho-caldeirões*, mas apenas uma me chegou às mãos, pois a outra servia para os pilotos em Bissalanca se alvejar uns aos outros e depois vinham fazer-me queixa...

E uma outra vez, mandou-me duas pescadas grandes em cima de duas tábuas, mas foram *confiscadas*, chegou-me às mãos apenas uma tábua com uns dizeres de agradecimento de todos os oficiais da messe da FAP, devidamente assinada por todos eles e também pelo seu comandante... Malandros... Soube que cada pescada tinha cerca de 7kg!

Quando estava em Bedanda pedi ao novo comandante da 4<sup>ª</sup>CCacl, que lá em baixo me pusesse 1 morteiro 81: em Amedalai ele tinha 2, enquanto o perímetro do meu destacamento era o dobro do da companhia; além disso, aquela tinha mais 3 de 60, enquanto o pelotão (perto do rio) tinha apenas 2 de 60, mas 1 deles estava fixo e, com uma granada nas alhetas à carga máxima – pois calculei que eles [IN] estivessem a 2000mts, junto a Incala, com o morteiro 82 em riste –, o meu 60 com a carga máxima alcançaria 1800-1850mts e com sorte, que foi o que aconteceu. O outro morteiro funcionava à mão sem bipé, para defesa curta. Resumindo: lá em baixo, em Bedanda, tinha o tal morteiro fixo e tapado com um pano de tenda, apontado aos 1840mts de distância máxima, e ao lado uma granada com todas as cargas de reforço a fim de chegar uns *centímetros* mais longe; durante os ataques, o outro morteiro era disparado só *prato-e-cano*, às vezes sem prato e a olho na direcção do IN.

Àcerca da *qualidade* das munições, refiro as granadas GEGP para morteiro 81. Resolvi *descascar* uma dessas granadas para fazer posteriormente um candeeiro na Metrópole; e... meu dito meu feito, maluco sou eu... Isto passa-se dentro do depósito de material-de-guerra: desenrosquei o detonador e coloquei-o na bancada, longe de mim e do meu *trabalho*; com uma faca, consegui tirar o cilindro de ferro que albergava o explosivo reforçador do detonador; com paciência e muita calma, consegui sacar aí uns 2-3mm e depois, dando pequenos impulsos (como que para sacar rolha de champanhe), retirei aquele cilindro; então, com uma cavilha de ferro e um martelo, há que retirar o trotil... Nisto, entra o cabo-quarteleiro e sai aos gritos “o nosso Alferes Santos vai rebentar connosco!”. O capitão, que tinha o gabinete em frente deste edifício, veio a correr e eu paulatinamente *truz-truz-truz*, ele disse qualquer coisa mas, como apenas olhei para ele e encolhi os ombros, foram todos embora. Quanto à granada, amarela e com letras pretas, ficou linda de alhetas abertas em cima da mesa da nossa messe...! até vir comigo para Sacavém e ser oferecida a um qualquer amigo de meu pai.

Em outra ocasião, foi necessário abater uma enorme árvore que havia sido deixada junto ao arame-farpado, mas do lado exterior. Esta operação foi a que chamou mais mirones, porque aquele obstáculo tinha de cair para fora: coloquei as cargas como devido, liguei um fio aí com 30mts, premi o explosor e foi giro: a árvore, qual foguetão cheio de alhetas em Cape Canaveral, destacou-se do solo aí uns 70/80cm, ramos esgalhando à medida que o tronco levantava, e... caiu onde eu queria. Grande algazarra, baixou o pano e depois passámos à cena da *energia*!

Num outro indeterminado momento, havia requisitado ao comando (já nem sei qual), granadas *energia* para *Mauser*: apenas as conhecia dos livros e de ouvir dizer, mas entendi que eram boas para a nossa guerra: irritadiças, coices fabulosos, um grande buraco onde se enfiava o... cano da *Mauser*; porém, tinham de se disparar com bala especial e puxando o gatilho com a parte de fora do polegar, pois o recuo poderia partir o dedo que se enfiasse no guarda-mato; mais tarde vim a saber (mas não sei e nunca vi... ) que existiam também para a G-3.

Nas traseiras do posto dos cipaiois, domingo da experiência, *captão mandou alfero Santos foguear granadas cum expingarda, pá!* O local constituía uma espécie de anfiteatro, pois a aldeia ficava num *alto*: na Guiné não há montes, apenas... *um pouco mais acima!*



Espectadores 376 adultos, 73 crianças, alguns velhos e a soldadesca quase toda: bem, no total eram aí uns... 100 mirones! O *alfero* fez como o instruíram: mão esquerda agarrando o fuste, lado esquerdo da coronha da *Mauser* apoiado no exterior da coxa direita, mão direita pressionando a arma contra a coxa e no gatilho a parte de fora do polegar: a granada, lá foi cair no sítio de destino; e a *Mauser*, três metros à retaguarda... Aí, do meio dos mirones surge de rompante o comandante da 4<sup>a</sup>CCaCl, capitão Passos: “Não é assim, deixe cá ver isso!” e sem mais enrolou a bandoleira da *Mauser* no antebraço esquerdo, agarrou com toda a força a arma pelo punho, meteu o indicador no guarda-mato e *pum!*... E *ai-ai-ai-ai!*, eis o *armstrong* com dois profundos cortes desde o pulso ao cotovelo, o indicador esfolado e com um belo buraco provocado pelo guarda-mato, e no intervalo entre o polegar e o indicador, a parte de trás da culatra com o recuo tinha feito um corte, bem fundo mas bonito pois tinha o desenho da retaguarda da culatra. Resultado: quem sabe, sabe; mas... só o sargento-enfermeiro lhe tapou as mazelas da vergonha! No entanto, o meu condutor Djaila 25/61 disparava a *energa* com a arma encostada ao ombro; (era mais maluco que eu... ).

Mas o citado capitão Passos, também pretendeu *reciclar* os meus conhecimentos em explosivos: segundo ele, seriam necessários 7kg de trotil para derrubar uma árvore de pau-santo com  $\emptyset$  cerca de 60cm; a qual lhe estaria a afectar os neurónios pois com o jipe tinha de fazer ligeira curva para se desviar, aliás como todos nós – excepto os jogadores de futebol, pois a dita estava a jogar mesmo à defesa... –, mas ninguém reclamava daquele *santo pau*. A cerca de 1mt do chão, o comandante da 4<sup>a</sup>CCaCl colocou então os tais 7 (sete) kg de trotil – atados com corda ou fita (não me lembro, talvez disso se recordem o alferes miliciano José Augusto Nogueira Ribeiro, o alferes miliciano Gouveia e outros mirones daquele *show-off*) –, mas... apenas de um lado do tronco: ora o *instrutor* é que tinha três riscas douradas nas platinas; eu disse “nem cai nem racha” e, como havia eu dito, sucedeu apenas o abano da árvore porque a explosão *deu-se* para fora! Então cá vai disto e “se me dá licença” contrapus, agarrando 4 barritas de 250gr/cada de trotil que enfiei, noutros tantos buracos levemente feitos com uma espátula, no chão junto da árvore: detonadores, cordão detonante e fios, tudo convenientemente atacado com terra e accionei o explosor, provocando o cair da árvore sem deixar toco. Lição para o *instrutor*: o essencial, é o atacamento.

Durante um outro dia de *destocação*, resolvi deitar abaixo, simultaneamente, entre o arame-farpado do aquartelamento e a margem do Ungauriuol (foto acima), nada menos que 5 tocos de palmeira. Quando accionei o explosor, foi giro à brava os *cavacos* a voar indiscriminadamente, tendo um quase atingido a *Ford Canada* (na qual me tiraram uma foto), outro caiu a cerca de 20mts do sentinela que estava perto do limite da bolanha (ele ria muito... quer dizer que estava mesmo atento), e outros fizeram os mirones soldados (não havia nenhum *partido*) fugir a rir... Só folia, porque a guerra devia ser assim, levada na descontração: se não, sairíamos da Guiné directamente para o 53 da *avenida do brasil*...

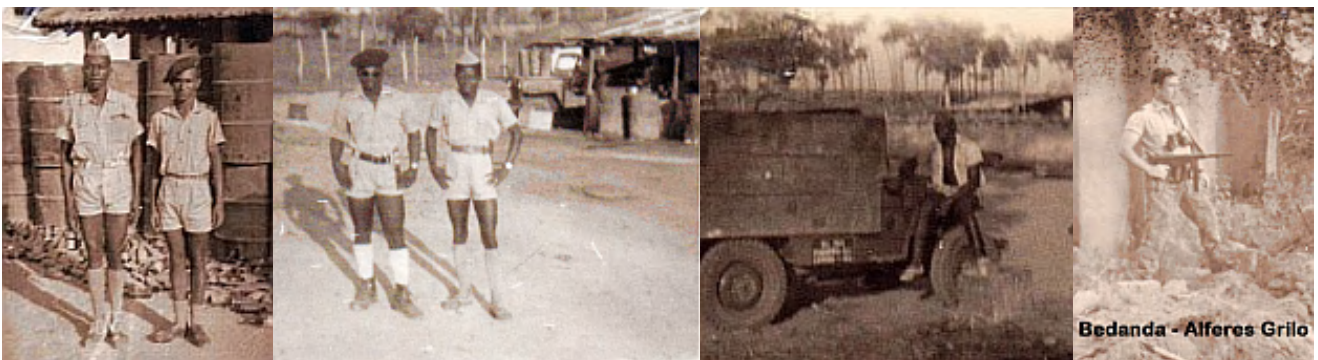
Por vezes, quando ia em patrulha ou simplesmente verificar os postos, via alguns velhos e velhas sentados a mascar, a que horas fosse, uma, duas ou três da madrugada. Até que numa ocasião, vendo um ancião a mastigar com a boca avermelhada, perguntei a um soldado o que era: informou-me que a noz de cola lhes amenizava dores (em especial d’ossos e d’outras); foi ter com um nativo que lhe deu uma noz, o malandro disse para provar e eu, retirando do fruto um niquinho correspondente a uma unha cortada, mastiguei; é um pouco acre e tem a consistência na nossa castanha. Ora, fiquei acordado toda a santa noite e logo *descolei* dessa *utilidade!*

Num final de tarde, o capitão Passos mandou-me fazer uma coisa que ainda hoje me arrepio: uma patrulha nocturna, em redor dos três aquartelamentos (Companhia, posto de guarda aos abastecimentos e Bedanda propriamente dita) e da povoação de Amedalai. Seria uma volta de 10-13km, cerca das 21:00 saí com o pelotão completo (três secções, três sargentos, cabos e soldados), o armamento ainda era fracote, mas o mais arriscado eram as luzes para o perímetro exterior dos aquartelamentos e da aldeia.

Evidente que íamos fora da vista dos postos de sentinela, mas era lógico que quem estivesse para além, nos veria recortados pela claridade dessa iluminação! Ao sair o portão rodámos na picada pela esquerda, para dentro da mata do Cantanhez e depois virámos à direita na direcção de Cura e novamente à direita, depois de passarmos abaixo da povoação Amedalai, descemos directos ao extremo sul da pista de aviação (sempre saudados pelos guinchos da ave a que chamávamos *maçarico* e pelo *riso* das *gangas*, outra ave tipo cegonha com um *chapéu* muito bonito). Aí mandei para trás duas secções, fiquei apenas com um sargento que não recordo o nome (um pouco mais velho que eu, alourado e muito penteadinho), com a secção e o meu companheiro *Queba*, soldado a toda a prova. Chegámos à picada para Cobumba e acoitámo-nos na vala, com as luzes do aquartelamento de Bedanda sobre nós, a projectar as nossas sombras pela bolanha fora.

Tentei comunicar no PRC10 com o comando mas, àquela hora – cerca das 02:00 – queriam que eu falasse mais alto pois não ouviam: é claro que desliguei o rádio; e se eles quisessem, viessem cá ao mato comunicar alto àquela hora. Falei com o sargento e com um cabo, que chamou um voluntário para tentar contacto com um dos sentinelas de Bedanda: graças a Deus foi ouvido e aparece-me logo o alferes Gonçalves, a abrir o *cavalo-de-frisa* e a mandar-nos correr lá para dentro mas, mesmo assim, disse-lhe que íamos continuar rodando pela zona norte; ele chamou-me maluco, mas cerca de uma hora depois lá estávamos do outro lado do quartel e daí, em vez de irmos pela mata, fomos mesmo pela picada e encontrei-me com os outros sargentos à entrada da povoação de Amedalai, juntámo-nos e entramos cerca das 03:30 na Companhia, nem quis ver o capitão, fui logo deitar-me e é claro que não fiz relatório nenhum... mas lá saiu uma mensagem para o QG de Bissau, sobre a *patrulha* feita com muito *sucesso*! Isto foi-me dito pelo cabo açoreano do centro-cripto (onde ninguém podia entrar, mas eu era o *amigo* alferes Santos).

Num outro dia, recebi 40 G-3 e decidi ir com o meu cabo *sorna* (que era o *cabo-de-mar* ou *barqueiro*), experimentá-las junto ao Ungaurioul, a cerca de 600mts de Incala – na altura grande reduto IN –, e assim que testámos as 40 G-3, metêmo-las no jipe e regressámos: a meio da bolanha, grita o *sorna* “uma emboscada!” e nós *inteligentemente* tínhamos gasto os carregadores todos; mas eis que surge uma cara tranquilizante, um dos meus soldados balantas, *Joãozinho do Ingoré* (como ele próprio se alcunhava). Por que apareceram ali no meio do nada? Pois ouviram aquele tiroteio e pensaram “o nosso alferes está a ser atacado”, juntaram-se todos e mesmo sem sargentos foram correndo ajudar-me! Como se vê, umas boas estaladas nunca fizeram mal a ninguém!



Quando não passeava a pé ou de jipe, pelos matagais em volta e em especial pela adorável mata do Cantanhez – pois, se não fosse o perigo sempre presente (5), aquela fragrância das flores e da mata em si deixam saudades a qualquer um... –, a ocupação e ordens que tinha eram os já relatados rebentamentos dos *bagabaga*, a destocação de árvores em determinados locais, a colocação de minas em redor dos aquartelamentos – grande parte delas e dada a elevada humidade tropical, faziam... *pluff!* –, e o ataque a... canoas.

Tudo isso me dava prazer, em especial o perigo de mandar pelos ares, canoas a cerca de 500mts das tabancas onde o IN se abrigava: uma dessas vezes, foi demasiado perto da aldeia de Incala.

O capitão Passos, resolveu fazer uma *patrulha naval* com os nossos dois *vasos de guerra M1* – pouco maiores que banheiras, com cerca de 1.80x5mts e espessura... *about 3mm* –, *navios com alto poder de fogo* (era em pé de cima para baixo). Lá fomos até Cobumba e depois Cumbijã acima até quase ao Chugué mas... perto da curva de Incala (3), estavam duas belas canoas sobre o lodaçal da bolanha. Então o chefe através do PRC10 disse “Santos destrua!”...



... e enquanto o *barco-almirante* ficou às voltas a meio do rio, o do *alfero* foi à margem e ali desembarcou o *destruidor*, pirando-se logo a seguir para junto do outro! Então segui até junto das canoas, que tinham de comprimento 8-9mts e largura uns 0,90: ora, nestas circunstâncias não se pode atirar granadas – só nos filmes! –, porque batiam no fundo e saltavam fora; tinham de ser *pousadas* no alvo pois, se fosse um pouco mais longe, a própria alavanca desviava o curso da granada. Fui à mais próxima, tudo correu bem; quanto à segunda, longe da margem e por consequência mais perto da povoação, estava num atoleiro mas, mesmo assim... *ba-bum!* Só que, a proa do destruído objectivo subiu cerca de 4mts e vinha cair em direcção de *moi*, que consegui fugir enquanto a lama repuxava; safei-me sem uma bota, que por sorte ficou fora do alcance do *míssil*, logo depois agarrei-a e corri como pude para ser embarcado. Após sairmos a curva do rio rumo à retirada (Cobumba), *ratatá-ratatá* ei-las a bater nas águas junto a nós. Mas ficámos todos contentes, porque foi... *missão comprida!* Esta era a *guerra* que levava na brincadeira, dizendo “eles não me acertam pois tenho um escudo invisível!”.

### **... e também p'los ares...**

Tenho filmes (que fiz em *Super-8*), de queimadas do IN nas bolanhas da margem norte do Ungauriuol, em capim tão alto que o topo das chamas chegava mais alto que as mais altas palmeiras; (a minha máquina de projectar não quer colaborar, mas penso que tenho slides algures por aí).

Irregularmente vinha a Bedanda uma avioneta, ora *Auster* ora *Dornier*, ou mesmo *Cessna*; por vezes, um pequeno avião civil. Em qualquer dos casos e consoante a disponibilidade do piloto, pedia para sobrevoar os *meus domínios*. Recordo uma ocasião, em que fui numa *Auster* sobrevoar Incala e Rossum Olê: como sempre, levava o meu *dólmén* camuflado com granadas nos bolsos e, ao passar sobre a tabanca Rossum Olê pedi para curvar à direita, quando ficámos à altitude das árvores segurei a porta e lá vai granada incendiária, mais uma volta mais uma granada incendiária, moranças a arder...

Mas na minha memória afloram sem fim muitos outros momentos, que vivi com os meus soldados, cabos, furriéis, sargentos, alferes e alguns capitães, maiores e coronéis; e até com capelões.

### 1963 – 08Dez

Dia da Mãe (estando por isso o tenente capelão Padre Pinho à espera de rezar missa antes de jantar), o comando tinha-me destinado uma patrulha para ir *emboscar*, não sabia onde nem a que horas, apenas que seria perto de Cobumba num riozito – havia pelo menos quatro! –, nem sabia quem... talvez uns IN que possivelmente iriam passar por um desses ribeiros.

Conforme as instruções, este *alfero* protagonista/narrador largou do destacamento em plena luz do dia, após o almoço mas sem razões de combate nem qualquer alimento a não ser água, porque era uma coisa *rápida* que iria fazer – cerca de 13km ida, emboscar, 13km volta (*muito rápido para quem fica a ver o mapa...* atravessar ribeiros, rios e riachos, lameiros e lamaçais) –, com o seu pelotão, direcção Cobumba mas dando a volta pela bolanha que existe entre o Ungauriuol e a picada de Cobumba. Passámos a aldeia de Bedanda e seguimos a direito para dentro da bolanha seca pelo lado poente da picada, chegámos a uma linha de água onde avistámos pegadas muito recentes, conseguimos passar e continuando pela bolanha, então dei instruções ao sargento aloirado penteadinho, para atravessar a picada e colocar-se perto do pequeno riacho que ia dar junto ao lado nascente do cais de Cobumba; do outro lado, continuei com duas secções e então (1) aparece-nos o tal riozito, aí com uns 7-8mts de largura por 2-2,5 de fundo. Antes de o atravessarmos, tentei fazer flutuar um tronco de árvore que estava perto, mas tão saturado de água estava que, quando o devolvemos ao rio... logo afundou. Ordenei a todos o máximo silêncio possível e comecei a tirar o cinto, a todos dizendo que o fizessem para formar uma espécie de cordão que auxiliasse a travessia, em especial aos que não sabiam nadar. Ainda não tinha chegado à fivela e diz-me um cabo metropolitano “se eu fôr ao fundo o meu alferes vai-me buscar”, meu-dito meu-feito atirou-se à água – entretanto alguns já tinham atravessado –, e é claro como água (não aquela, pois seria mais provável ver através de uma parede que naquela água), que foi ao fundo: vejo borbulhar e aí vou sem G-3 mas com *dólmén*, 14 granadas e cinturão com 6 carregadores da G-3, quando encontrei o 1º cabo agarrei-lhe os pulsos e elevei-o à tona ficando eu submerso e pulando no leito do rio a ver se chegava à outra margem; faltou-me o ar e larguei-o, quando vim à tona respirar vi borbulhar mais perto do meio do rio, mas os do outro lado aos gritos, já com ramos sobre a superfície, agitavam as mãos a incentivar-me; lá fui outra vez buscar o *náufrago voluntário* e repeti a mesma operação até que, ao senti-lo agarrado aos ramos que lhe lançaram, deixei-o e fui à tona descansar um pouco. Mas foi sol de pouca dura, porque um soldado nativo caiu à água e parecia um prego mesmo a meu lado, lá fui e... repetição da cena. Já descansadinho, mas ainda dentro daquele castanho-cinza-esverdeado-opaco, diz o cabo “meu alferes a minha G-3 está no fundo!”, lá vai o *alfero* mas com o peso à cintura parecia que estava na caça submarina às escuras com 6kg de chumbo: assim, gatinhei no fundo pensando que iria encontrar as costas de um crocodilo, mas lá encontrei a G-3 do 1º cabo e também a *Mauser* do soldado (pois estavam de cano para baixo enfiado no lodo aí a um metro uma da outra), e os respectivos capacetes, noutros dois ou três mergulhos. Após esta situação de *guerrilha*, depois de informar os comandos nunca mais saiu uma patrulha sem que fosse munida de cordas, para ajudar as travessias; e soube, quando já estava em Bolama, que, se não fôra isso, numa operação para aqueles lados, alguns teriam lá ficado.

Entretanto chegou a noite e nós a cerca de 2km do local da *emboscada* mas, com o barulho que fizemos, se nos conseguíssemos emboscar na certa seríamos nós a cair numa emboscada. O *penteadinho* já estava aflito e tinha comunicado com o capitão, este apareceu com *unimogs* e jipes e apanhou-nos a chegar quase ao cais de Cobumba, no momento em que nos juntávamos ao *penteadinho*. Acabou-se a *operação*... muito mal operada, por desconhecimento total do terreno (aí também me culpo), por insuficiência de precisão por parte do comando. Mas partimos, sentei-me ao lado do condutor do *Unimog* e lá fomos a caminho de Bedanda, que atravessamos, e seguimos para Amedalai...

Vamos a subir depois do *aeródromo* quando, a meio... *treu-teuteu! treuteuteu...* tudo a fogaçar que nem loucos, fiquei sentado no meu lugar e perguntei ao condutor o que era, disse ele ter sido o sr. capitão que havia mandado parar e fazer fogo à vontade naquele sítio! Disse para os meus botões “é tudo doido nem avisam o alferes”, ia pôr a mão no taipal do *Unimog* para saltar quando o cabo – que salvei do rio –, me ia levando a mão pois estava a disparar a G-3 com o tapa-chamas apoiado no rebordo do taipal, mesmo atrás da minha cabeça e onde eu ia pôr a mão para saltar... Mas acabou, só que consegui não sair do meu *sofá* e o meu tímpano direito nunca mais ficou *direito*.

Chegados ao aquartelamento, uma banhoca e nem queria comer queria era dormir, mas... O Padre Pinho estava lá, era Dia da Mãe... 8 de Dezembro... e a missa? Toda a Companhia à espera do *alfero*, eram quase 22:30... vêm dizer-me, e lá vou eu... Devo ter dormido em pé encostado a um poste do alpendre da messe! Que Deus me perdoe, porque o Padre Pinho ficou mal humorado.

### 1964...

O Padre Pinho não gostava nada das estadias em Bedanda e queria zarpar logo concluídas as funções. Quando eu estava já em Bedanda (propriamente dita), chegava ele num dia e iria logo no outro e, para isso, assim que ouvia a avioneta logo se dirigia para a *sala de embarque* – o *check-out de Bedanda*, mas naquele dia quem era o maluco do piloto? O alferes Rodrigues, o tal meu amigo de Lisboa. E que fez ele? O padre como era tenente teve direito a ir sentado ao lado do piloto – *Dornier* cheia, aí com dez alminhas *desprotegidas* dos distúrbios cerebrais instantâneos do Rodrigues... –, motor a fundo, avião virado para a parte mais pequena da pista, travões a fundo e, claro, a roda de trás levantada e só com duas da frente no chão... parado tremelicando! De repente destrava e aí vai ele, se não levantou em 100mts pouco passou, virou sobre a direita a caminho de Amedalai e depois mais direita e picou na nossa direcção! Claro que subiu, direito a Bissau.

Mais umas semanitas, lá chegou o Padre Pinho (again!) com sua malinha de paramentos e no dia a seguir, lá ia todo ufano para desopilar de Bedanda (terra amaldiçoada por Deus... segundo ele praguejava). Ouviu-se “correo correo!” diziam os pretos –, porque tenho a impressão que mal os aviões levantavam de Bissalanca já eles ouviam o motor –, o Pinho ali vai para o jipe com a malinha nos joelhos todo sorridente, para eu o levar à zona de *embarque* da *aerogare* de Bedanda – que era uma grande árvore e me parecia pau-santo (só podia, para albergar o *santo-Pinho*) –, mal a *Dornier* chega o nosso padre olhou para o piloto e gelou autenticamente! Quem era...? O Rodrigues... E o nosso bom amigo Padre Pinho encostou-se ao *capot* do jipe e disse “eu não vou” e não foi mesmo!

Levei o nosso representante do episcopado para a sala do nosso *forte*, para se refrescar e beber qualquer coisa, quis ver as instalações e logo levou um choque “oh Santos, parece impossível!”, era o desenho de uma mulher deitada toda nua, feito a carvão numa viga por forma que, quem entrasse no estaminé, logo a via, desenho executado pelo sargento que comandava o destacamento da guarda aos reabastecimentos. Ultrapassada a primeira impressão, fui mostrar-lhe a *cozinha* mas deve ter visto pior, passamos ao meu quarto e... ao lado da cama de ferro, devidamente coberta pelo mosquito/melgueiro, o Padre Pinho perguntou o que era: a *mesa de cabeceira* com candeeiro de petróleo em cima? 4 ou 5 caixas de granadas de morteiro 60; a *cómoda*? várias caixas de granadas de *bazooka* e as minhas malas em cima; aos pés da cama, caixas de granadas-de-mão, cunhetes de balas 7.9, 7.62, 9mm e também para *Lee-Enfield* e *Kropatchiek*; a *compor* a parede, uma série de tábuas afastadas da parede aí 1cm, com granadas-de-mão ofensivas, defensivas e incendiárias (que, como eram de desenroscar, tinham um araminho ao pescoço), a toda a volta do quarto onde havia um pedaço de parede livre, enfiadas pela alavanca e pelo araminho para, quando houvesse ataque, ser mais rápida a *colheita*. “Oh Santos, você e os senhores sargentos (que dormiam no quarto ao lado), não podem estar aqui! Vou chamar a atenção do senhor capitão e já!!!”. E assim fez o bom Pinho e o capitão resolveu-se a fazer um paiol.... a três metros da porta da rua do nosso estaminé, muito mais seguro!!!

### 1964, semana da Páscoa...

O *Gouveia-16* era um rebocador que puxava um batelão, com produtos necessários quer para combate quer para alimentação e higiene; e... com nativos que gostavam de viajar, para ver as famílias distantes ou simplesmente para passear. Estes navios de abastecimento eram escoltados por uma secção (de uma qualquer subunidade sedeadá na área de Bissau), comandada por um sargento: no caso, o furriel miliciano de infantaria Francisco Pereira Ribeiro. Ora o piloto do *Gouveia-16* meteu pelo rio Ungauriuol acima, acostou a norte de Bedanda (2) e, enquanto as mercadorias eram descarregadas, a secção do PelCanhSrc919 ficou sempre em posição de defesa e com reforço de alguns soldados do meu pelotão da 4<sup>o</sup>CCaCl, o furriel almoçava e jantava connosco, sendo levado após o jantar para junto dos seus homens.

Dois dias antes da prevista largada do *Gouveia-16*, atravessei o riozito com o meu condutor Djaila 25/61, o *sorna* barqueiro e dois soldados indígenas.

Ao alvorecer dessa 6ª feira Santa de 1964, as granadas do *dólmen* passaram para o cinto e lá vamos em tronco nú atravessando a bolanha na direcção de Incala, afastados aí uns 30mts uns dos outros (a grande invasão, 4 malucos!), chegámos perto de um riacho que ia desaguar ao Ungauriuol e avistámos a cerca de 200mts as moranças da dita povoação: nada a assinalar, senão a inconsciência dos meus quase 23 anos e pouco menos dos demais intervenientes. Voltámos calmamente e quando cheguei aos meus *apostos*, estava lá a *velhota do mato* que vinha de quando em vez dar-me informações: não aparecia há bastante tempo, mostrou logo abaixo do joelho da perna esquerda uma cicatriz muito feia, de uma bala da nossa aviação que por sorte só apanhou carne; e começou a *disparar* em balanta informações que um dos meus soldados ia traduzindo. Então, os *bandides* teriam um canhão com duas rodas – que pensei ser canhão-sem-recuo (e as minhas suposições estariam certas porque, depois de tudo que ainda não relatarei sobre o *Gouveia-16*, numa noite fomos atacados, talvez por retaliação à defesa do barco, por uma arma cujo disparo me pareceu ser de facto canhão-sem-recuo) –, continuou as informações dizendo que o barco iria ser emboscado assim saísse de Bedanda, pois os *bandides* (como dizia) estavam escondidos na embocadura do tal riacho – onde estive com aqueles três camaradas – e disse-lhe que não podia ser, eu tinha estado muito perto desse sítio umas horas antes... “eles estão lá!” disse ela com alguma irritação.

Chamei o *furriel*<sup>1</sup> comandante do destacamento de protecção ao barco, disse-lhe o que poderia suceder e aconselhei-o a passar todos os sacos de terra para o lado direito e que todos da secção se acautelassem com aquele lado pois as defesas estavam todas concentradas no oposto, a fim de enfrentar possíveis ataques à passagem por Cadique e Cafine na margem esquerda do Cumbijã, a caminho da foz e a cerca de 2 horas de viagem. Não o fez e foi mau, mesmo muito mau: embora o ataque tenha sido bem perto, a menos de 10mts do barco e batelão, poderia ter sido atenuado se fosse feito o que aconselhei, que não o foi.

O *Gouveia-16* zarpou e, como a velha afirmava, a cerca de 600mts estavam os *bandides*: tenho a impressão que foi a maior fuzilaria que ouvi na Guiné!; logo eu com o sargento do destacamento da cantina e o seu cabo (Cruz ou Cruzeiro), armados com o máximo que podíamos e cada um deles com mais duas granadas de *bazooka* e eu com a dita no ombro esquerdo a tiracolo, punho para cima e uma granada já colocada, G-3 no ombro direito, aí corremos pela bolanha (seca naquela altura) em direcção ao *Gouveia-16*, não tirando os olhos da bandeirinha de Portugal que ostentava num pequeno mastro e, quando estávamos a cerca de metade do caminho, vimos a bandeirita regressar a Bedanda, corremos disparando directo para a fuzilaria. Com as granadas a cair, quer da minha *bazooka* quer do morteiro – que tinha ordenado ao sargento Centeio disparasse naquela direcção –, a 1200-1300mts a fuzilaria começou a decrescer rapidamente, chegámos ao cais, logo a seguir ao barco e batelão, já lá estavam os outros sargentos e alguns soldados. Ficámos bastante consternados pois o piloto, logo após acostar, faleceu; o operador-rádio do destacamento – 1º Cabo radiotelefonista António Oliveira Silva, da CCac616 –, já tinha morrido mas manteve o interruptor do manípulo do ANGR-9 apertado na mão,<sup>1</sup> o que permitiu aos meus sargentos ter entretanto chegado com 2 jipes e 2 macas. Logo se retiraram os mortos e feridos: entre 5 soldados feridos, havia 3 com alguma gravidade (que, soube mais tarde, foram evacuados para a Metrópole); e entre os civis, eram 17 os feridos mas, como estavam no fundo do batelão, só apanharam tiros de ricochete, tendo 1 pelo menos 3 balas sob a pele das costas. O militar morto, foi pouco depois sepultado na *porta* nascente de Bedanda junto ao muro que existia na época.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> (ver anexos)

<sup>2</sup> (meses depois exumado e trasladado para o cemitério da freguesia de sua naturalidade, Parceiros de Igreja no concelho de Torres Novas)

A recordação daquele dia é demasiado triste, para que consiga relatar mais alguma ocorrência que se tenha passado perto de mim; ou comigo. Tenho pelo menos três louvores em combate, mas não me apeteceu reclamar a cruz de guerra pois haveria muito mais gente com esse mérito, que não tiveram sorte e mesmo depois da morte ficaram esquecidos dos chefes, mas nós não os vamos esquecer! A cruz de guerra está na alma e não pendurada ao peito!

(OS.129/64 da 4ªCCacI/CTIG) –

«Louvado por Sua Exª o Brigadeiro Comandante Militar [cmdt do CTIG Brig Sá Carneiro], por proposta do Exmº Comandante do BC619 [cmdt do BCac619 TCor Inf Narsélio Fernandes Matias]. Pela sua competência e boa colaboração que sempre prestou ao seu Comandante de Companhia. Oficial disciplinado e disciplinador, tem revelado igualmente ser oficial arrojado. Distinguiu-se pela serenidade com que comandou os seus homens em vários ataques que o inimigo lançou contra o seu destacamento, e pela prontidão e rapidez com que à frente dos mesmos socorreu o N/M "Gouveia 16" quando este foi atacado em força pelo inimigo no rio "Ungauriuol". Distinguiu-se igualmente numa operação que esta Unidade desencadeou em Cobumba, em que na travessia do rio salvou vários soldados de se afogarem, tendo ainda recuperado vários materiais-de-guerra que se perdeu no rio, mergulhando e recuperando-o.»

1964...

Numa sortida da 4ªCCaCl, 28 mulheres foram detidas perto de Feribrique em *flagrante a cultivar a terra*, as quais o capitão Passos entendeu aprisionar e endossar ao meu pelotão para tomar conta... O certo é que quase todas vinham apenas com um pano abaixo da cintura e algumas com uma espécie de *soutien*. À noite, veio o cabo-da-guarda dizer-me que elas tinham frio: ora os comerciantes, embora fechassem, estavam sempre abertos, e fui ter com o Zé da *Casa Gouveia* e comprei-lhe (do meu bolso) panos para as desgraçadas, que ficaram muito agradecidas em especial as mais velhas, pois as mais novas pensavam que tinham de *pagar*... É claro que nunca deixei que lhes tocassem. O capitão, todos os dias ia *olhar* – em especial para uma totalmente muito engraçada, que nos olhava com cara de ódio absolutamente natural –, e simular que queria tentar saber algo sobre o IN... Adivinhando algum problema, em combinação com os meus sargentos e alguns cabos e soldados com mais bom senso que a maioria, resolvemos que elas fugissem por um buraco, que *abriram* debaixo da parede do barracão onde as tinha detidas; é claro que os sentinelas daquele lado estavam de conivência connosco. Na manhã seguinte, o comandante ficou todo enxofrado: mas foi para o lado que melhor dormimos porque comando é uma coisa, prepotência outra e mais não digo...

Algumas dessas mulheres vinham à *Casa Gouveia* trazer arroz de seu cultivo, que o Zé (gerente desse espaço comercial) comprava. É claro que sabemos como era... comprava numa porta a 2,20 pesos e vendia na outra a 4,40 pesos que por certo não chegavam ao destino, fora o roubo nas balanças tanto da entrada como da saída... Mas isso eram contas de outro rosário. Normalmente eu estava presente e assisti a diversos casos: quase todas elas traziam, por mais de 10km, às costas um filhote e na cabeça um balaio, sendo que alguns com mais de 30kg; vi uma que trazia 36kg! (fora o que a balança roubava). A todas dava (do meu bolso) conservas, pão, panos e aguardente de cana, que elas bebiam por aquelas medidas de alumínio. E o que mais me fazia impressão, era elas levarem à boca dos filhotes, que traziam pendurados, a medida com aguardente da qual eles bebiam um pouco e depois vai mais um chupão na mama e está aviado.

Ainda em Bedanda, houve a destacar ainda alguns ataques ao meu aquartelamento. A povoação era habitada, além do meu pelotão, por: 82 soldados, alguns cabos (fruticoros), o *sorna*-barqueiro e os três sargentos – o Centeio e outros dois que estupidamente não lembro os nomes (e parece que os estou a ver à minha frente) –, e cerca de 200 civis que não sei o que faziam pois as hortas que tinham eram... praticamente zero! E ninguém se aventurava a ir plantar sequer mancarra, nem à pesca (apenas um balanta aleijado ia apanhar caranguejos que nos vendia por tuta-e-meia para fomentarmos guerrilha à cerveja), mesmo dizendo que lhes dava apoio que necessitassem, para os proteger nesses trabalhos.

Não fôra a constante atenção a alguma emboscada ou ataque directo do IN, a vida nesta antiga Província era aceitável, belos rios para dar belos passeios de canoa, como eu fiz numa velha canoa com *Mauser* ao colo, um remo e o putro Pedro na outra ponta da canoa, Ungauriuol acima, o putro dizia “mais para a frente não” mas fui até onde *eles* quiseram – pois, só quando ouvi um tiro de .22 passar por cima (4), resolvi curvar para trás –, matas maravilhosas e com um odor a flores fora de comum, disseram-me que em Angola as matas onde cresciam as plantas do café, suplantavam tudo em espectáculo de cores e aroma, mas a nossa Guiné tinha outro sabor, apesar das bolanhas estarem secas e sem culturas, quer de mancarra, milho ou arroz e não haver água potável.

5ºf. 02Abr64 – Deferido o requerimento em que pedia 30 dias de licença nos termos do art. 109º do RDM.

4ºf. 08Abr64 – Mandado arquivar o requerimento em que pedia para contrair matrimónio com Dª Filomena Ramos Esteves, em virtude de não necessitar requerer a licença, nos termos do nº2 da Circ.1384/Pº.P3314.1.2.18 da 1ªRep/EME de 14Mar64

Até fins de 1962, a povoação *Bedanda* era de população balanta e nessa altura os fulas aproveitaram o abandono das moranças, por fuga dos balantas para o mato – e aqui me sirvo, o povo balanta é trabalhador e os fulas uns mandriões, jogando sempre do lado do vencedor, que até me davam raiva (havia excepções e se assim não fosse não existiria regra), mas eram os nossos *aliados* – ponto parágrafo...

Bom, por ali tínhamos um outro contacto com os *bandides*, era um nativo – não sei de que etnia mas era da confiança *do lado de lá* –, e trazia-me: 11 frangos presos pelos pés e enfiados num pau que transportava aos ombros, pagava-lhe com um 1kg de tabaco em folha; por vezes trazia os frangos e um cabrito preso por um cordel, pelo cabrito era mais 1,5Kg de tabaco em folha; uma vez trouxe uma vaca e dei-lhe 7kg de tabaco. Dava-lhe almoço e umas cervejolas, lá ia ele pela picada de Cobumba sabendo eu que ele ia para Incala; sabíamos que ele levava, *logicamente*, informações. Mas eram as que nós queríamos: tapávamos coisa nenhuma com panos de tenda e, com um *cano* tapado virado a Incala que, quem olhasse os ditos panos guardados por um sentinela, pensaria *visualizar* uma bruta arma, para ele desconhecida e ainda por cima com caixotes (vazios) de granadas de *bazooka*, tapados também; invenção de um dos sargentos!

Lembrei-me agora que, de quando em vez aquele nativo trazia peixe seco que, como é sabido, às vezes ficava encarniçado; por cá, ainda hoje isso se vê nas secas da Nazaré. Ora o sr. Pinto, chefe de posto e comandante de três ou quatro cipaios (ou lá o que eram), homem medroso e, com medo da própria sombra, literalmente sempre a olhar para trás, começou a espalhar que era peixe envenenado com permanganato e queria que eu prendesse o *transitário*. Os meus sargentos e o cozinheiro fizeram uma arrozada daquilo e convidámos o *chefe*, que pensava ser o acepipe que fazíamos dos carapaus de conserva, da qual tirávamos com jeitinho os carapaus: os que não se partissem, eram fritos inteiros e ficavam uma delícia; e dos partidos, fazíamos arroz de peixe. O *chefe* (mas pouco), achou uma delícia e comeu o peixinho, que de facto *envenenado* era muito bom. Por vezes comíamos-lo fresco porque íamos a Cobumba e lançava, no braço de rio do lado esquerdo da rampa para a ponte-cais, uma ou duas granadas ofensivas e vinham três ou quatro barbos (ou algo com escamas), que ficavam atordoados e tinha de se lhes jogar a mão muito rápido para que não afundassem; e comiam-se que era um regalo.

Para a minha  *festa de despedida*, cheguei a juntar quase 200 frangos: como era só o meu destacamento e alguns lá de cima da Companhia, teve de ser ao almoço, grande fogueira e todos a arranjar frangos; éramos cerca de 120, os frigoríficos a petróleo atestados (o termo é correcto) de *granadas* com 0,6cc de *Sagres*, *Super Bock* e *Coral*; quem estava de serviço eram os islamizados que não bebiam e assim se passou o *adeus ao nosso alferes*.

Nesse mesmo dia, ao cais de Cobumba acostou o rebocador *Gouveia-17*; e já dormi na capital da Guiné.

5<sup>º</sup>, 30Abr64 – Marchou por via aérea para Bissau pelas 15:00, a fim de se apresentar no QG/CTIG, onde fica a aguardar a entrada no gozo da sua licença disciplinar que vai gozar na Metrópole

Na semana seguinte em Bissau, antes de viajar para Lisboa em férias – e onde me iria casar –, fui informado que o alferes Ribeiro, que em *Bedanda* assumira a chefia do pelotão da 4<sup>ª</sup>CCaCl, tinha sido baptizado por fogo IN que pretendia atacar o *Gouveia-17*. Mas este rebocador já levava a bordo uma *força* razoável e o IN não foi bem sucedido: pouco mais de um mês depois, o Ribeiro disse-me que o ataque foi consequência de eu ter saído de *Bedanda*; talvez, quem sabe...

4<sup>º</sup>, 06Mai64 – Licença do art.109<sup>º</sup> do RDM por 30 dias.

... houve mais situações em *Bedanda*, não mencionadas e nas quais, se não fosse o alferes Ribeiro e aqueles dois *meus* malucos companheiros do *Gouveia-16*, a Companhia que tentava atacar Incala estava encurralada na vala formada no mesmo ribeiro, mais a nascente do que a emboscada armada ao *Gouveia-16*, onde havia pouca água e não sairia de lá nem para trás, pois a bolanha (a tal que percorri com aqueles três malucos antes do ataque IN), por cerca de 700m era totalmente lisa: então o alferes Ribeiro, o sargento Centeio e o tal cabo, ora um ora outro se levantava disparando enquanto preparava a *bazooka*, e um deles se levantava e disparava debaixo de fogo IN. Aí as milícias comandadas pelo meu antigo soldado Queba, pelo Chico Fodé e pelo Mamadu Djaló, que tinham dado a volta por Feribrique, atacaram o IN pela retaguarda e então se fizeram alguns prisioneiros, entre eles um *capitão* IN; (essa operação ocorreu enquanto estive de férias em Lisboa e quando regressei, o Ribeiro<sup>1</sup> contou-me mais alguns pormenores que me abstenho de referir, pois a cobardia de alguns foi evidente e mais não digo).

<sup>1</sup> (ver anexos)

## 1964 – 16-29Jun

O que seguidamente relato, passou-se pouco após haver regressado à Guiné, vindo de Lisboa onde estive em férias... e me casei, porque era previsível que fosse directamente transferido para o CIM-Bolama. Porém, contrariamente ao previsto, tive de regressar a Bedanda por 15 dias, pois o capitão Passos assim o exigiu. Foi neste período que sucedeu uma *cegada*, que eu e o alferes Gouveia recusámos integrar.

Passávamos algum tempo a descodificar mensagens do QG. Uma tarde, estava eu entretido no abrigo da árvore a ver filas de homens em direcção a Contubum e Incala, o cabo-cripto de tão assustado ficou com mensagens chegadas, que me foi chamar para ir ler. E o que vinha do QG, era isto: do aquartelamento X foram vistos cerca de 300 homens em direcção a Bedanda, do aquartelamento Y eram 200, do Z eram mais de 200 e por aí fora. Feitas as contas eram mais de 1200 homens, saí às escondidas do centro cripto e ele foi chamar o capitão Passos, que de lá saiu um pouco mais esbranquiçado e convocou oficiais e sargentos para reunião urgente. Aguardámos a noite com mais reforço de sentinelas e nós próprios acordados, enquanto o alferes Gouveia dizia: “*Eh pá os gajos devem ter feito alguma petiscada e estamos aqui nós feitos parvos, vou-me deitar!*”. O que é facto, é que nada se passou naquelas noites...

O comandante da 4<sup>ª</sup>CCaCl, capitão Passos, decidiu então organizar e comandar uma *incursão* – sobre as tabancas de Bobedé, Samenhinte, Contubum, Rossum Ôle e Incala (sendo esta, à época, o mais forte reduto IN à vista de Bedanda) –, em cujo planeamento figurava um ataque ao solo com hélices T-6 e jactos F-86, cuja acção seria lançada aos primeiros alvores e no sentido este-oeste com o sol às costas: tudo bem, até eu e o Gouveia nos recusarmos a entrar nesse *mal montado circo!* Ele lá foi amuado e nós ficámos a assistir no ponto mais alto de Bedanda, o abrigo da árvore situada perto do grau geodésico 23°alt (a pouco mais de 6mts daquela).

Ah!, mas o homem tinha deixado instruções para, tão logo transmitisse ordens por PRC10 ou ANGRc9, deveríamos mortear com o 81 na direcção de Contubum. Porém, sucedeu o que eu e o Gouveia havíamos previsto. Chegaram as parelhas de T-6 e F-86, mas com estes jactos só podíamos contactar por intermédio dos hélices: “Tiger Tiger chama Bedanda”... , “Tiger aqui Bedanda”... , “Bedanda daqui Tiger, és tu, Santos? Eh pá, quem está num jacto é o meu comandante e diz que ou há andamento ou vai embora”... , “Eh pá espera, que o capitão deve estar a dizer alguma coisa”; e... e nada! Passado algum tempo, ouviu-se a voz do capitão, aflito: “Apoio aéreo, vou mandar *verylight* verde na direcção de onde partem os tiros!”. Resposta do ar: “Então saia!”. Com os aviões *vrum-vrum* às voltas, o homem mandou efectuar o previsto fogo de morteiro, assim cumprimos mas apenas 2 granadas porque, quando olhei para o céu, vi os aviões e as granadas a passar perto deles, logo de seguida gritámos lá para baixo “suspender fogo”. E das alturas outra vez “então o *verylight*?”... o comandante da operação volta ao “está a sair!” mas, nada: ora os jactos, como prometido, Bissau aqui vamos nós e nunca mais os vi naquele dia. Ficou a parelha T6 e só então se viu a fumaceira verde, exactamente na altura em que um dos hélices ia executar outra volta e que, assim viu o verde, baixou para metralhar. Mas no momento em que avião ia a disparar em mergulho, ouviu-se a voz aflitíssima do capitão: “Parem!, o *verylight* saiu torto e isso são as nossas tropas!!”; os T6 tomaram altura e ouvi “Santos, toma conta do gajo que ele é maluco!”...

No final desta *operação*, quando as forças regressaram pela picada de Salancaur, vinha à frente – aí uns 50mts – um soldado, com *bazooka* ao colo... e granada a meio do cano: “chamem o alferes Santos que ele resolve”, ouvi o homem dizer... Agarro na *bazooka* e deixo escorregar devagar a granada para a entrada do lado das ligações, com cuidado para que a cavilha não saia, ligo os fios e afasto-me um bom bocado (pois o medo circundante era demasiado), viro a saída para o mato e *vumm!* aí vai ela cair na bolanha entre nós e o Ungauriuol.

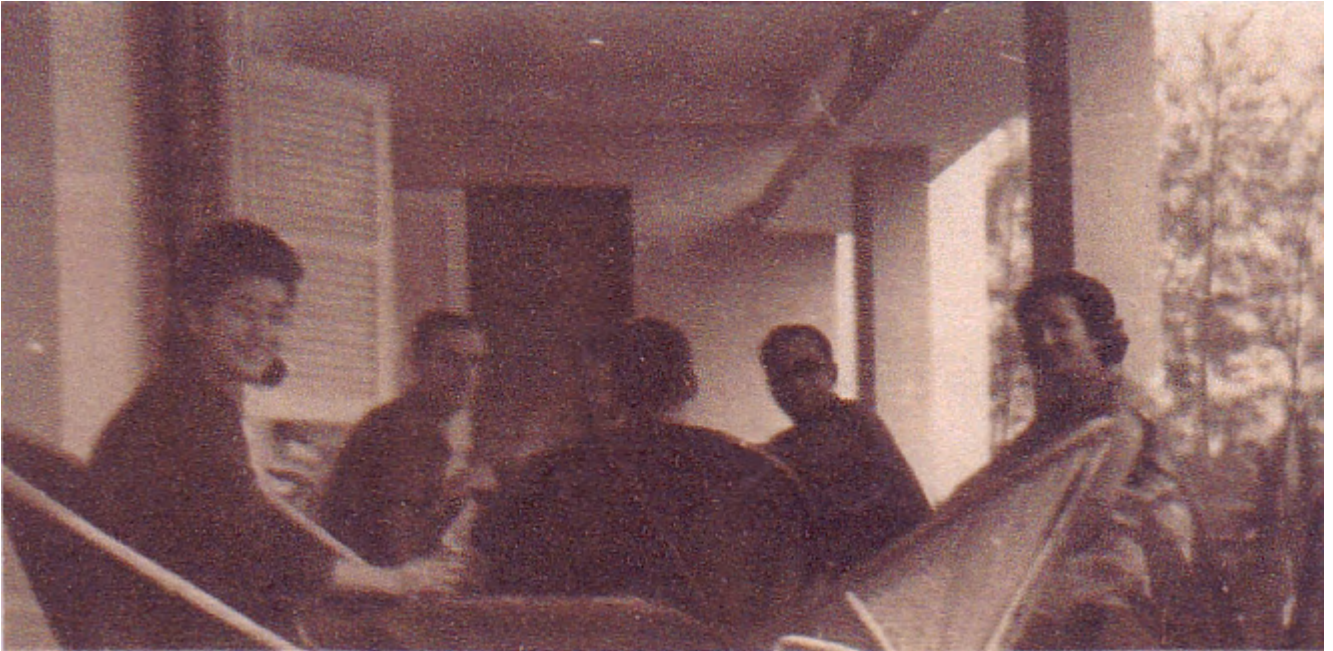
Este episódio justifica a diferença entre Homem e homem; porque tem mais história para contar sobre esta e outras operações, do mesmo homem, que foram... apenas fiasco!

Do outro lado, o IN estava bem armado: ali não havia canhangulos. Prova disso, no dia a seguir àquela *operação* que meteu aviação e tudo, chegou em visita uma Fox [do PelRec888] vinda de Cabedú (penso, pois já não me lembro o local de partida), cerveja e mais cerveja, vai daí o capitão pediu para que fizessem uso da metralhadora .50, em direcção de Rossum Ôle e de Incala. Assim foi feito a partir do largo depois de Bedanda, junto ao Ungauriuol. Após isso lá foram embora, pela picada Salancaur-Mejo-Cabedú (Lisboa-Cacilhas-Funchal, enfim o destino... ). Meia-hora depois ouviu-se um pausado *tá-tá-tá* de uma outra .50 , vindo do reduto IN na tabanca de Incala: e não é que me mataram uma vaca da manada, já de si parca para nosso sustento?! E sem nada mais poder fazer, mandei apenas umas 4 ou 5 morteiradas, só para que vissem que ainda mexíamos. Só a nossa vaca é que sofreu, mas estivemos uma semana a carminha de vaca fresca: abençoada .50!

Enquanto isso, havia deixado minha jovem esposa em casa do comandante da polícia de Bissau – na altura capitão Rebelo de Carvalho e esposa D<sup>a</sup> Fernanda (que eram visitas de minha casa em Sacavém) –, enquanto estive os últimos quinze dias em Bedanda, a aturar o que aturei de prepotência exagerada; (meses depois, levei novamente com o mesmo oficial em Bolama; mas aí, respondi muitas vezes à letra... ).

### 1964 – 30Jun

É claro que quando, finalmente, fui transferido para Bolama, tive de ir imediatamente a Bissau buscar a minha jovem mulher. Porém, no aeródromo de Bedanda apareceu-me um avião civil de dois lugares (à frente piloto atrás passageiro), mas atrás quase não cabia eu quanto mais as malas: partimos então rumo a Bissalanca, mas que viagem... sempre dentro de nuvens, eu não via nada e suponho que o piloto nem via os comandos, à minha volta só alavancas para trás e para a frente; mas, chegámos...



... e fui logo a casa do comandante da polícia, onde estava minha mulher.

Entretanto havia telefonado ao Fiúza (da aviação civil, que conhecia de Lisboa), ao qual pedi que nos levasse de Bissalanca a Bolama, num avião *com asas*: ele disse para estarmos antes das 16:00 no aeroporto, onde a D<sup>a</sup> Fernanda nos levou...



... e apareceu o Fiúza, que nos enfiou numa *Dornier* impecável.



No aeródromo da cidade de Bolama, esperava-nos um jipe com o comité de boas-vindas.

(da esq<sup>a</sup> p/drt<sup>a</sup>)

piloto da *Dornier*

alferes miliciano Valentim

alferes miliciano Barata

D<sup>a</sup> Filomena Ramos Esteves dos Santos

alferes miliciano Rui Gonçalves dos Santos